

## Introdução

Em 1869, após a indicação de seu estimado professor, o filólogo Friedrich Wilhelm Ritschl, Friedrich Nietzsche é contratado como docente de filologia clássica na Universidade da Basileia, na Suíça. É nessa instituição que o filósofo, ainda jovem, conhece o historiador Jacob Burckhardt. O historiador esteve presente na aula inaugural proferida por Nietzsche, em 28 de maio de 1869, intitulada *Homero e a filosofia clássica* e a assistiu com entusiasmo e prazer.<sup>1</sup>

Na universidade, Nietzsche passou a assistir às aulas de Burckhardt sobre o Estudo da História e ficou impressionado com as reflexões do historiador. O filósofo escreve à sua irmã, à mãe, à Erwin Rohde, a Paul Deussen e a Von Geersdorff sobre esse contato. Em uma carta endereçada ao amigo Carl Von Geersdorff, ele diz:

tive o prazer que gostaria de ter compartilhado com você acima de todos, de ouvir uma palestra de Jacob Burckhardt. Ele deu uma palestra sem anotações sobre a grandeza histórica que se situa inteiramente dentro de nossos pensamentos e sentimentos. Esse comum homem de meia-idade realmente não tenta falsificar a verdade, mas encobri-la, apesar de que, em nossos passeios e conversas confidenciais, ele chama Schopenhauer de “nosso filósofo”. Estou assistindo as suas aulas semanais na universidade sobre o estudo da história, e acredito que sou o único de seus sessenta ouvintes que entende sua profunda linha de pensamento, com todos os seus estranhos circunlóquios e interrupções abruptas sempre que o assunto toca a sua problemática, pela primeira vez em minha vida gostei de uma palestra: e mais, é o tipo de palestra que devo ser capaz de dar quando for mais velho.<sup>2</sup>

No tempo em que lecionou na Universidade da Basileia, Nietzsche, sempre que possível, assistia às aulas de Burckhardt, que foram publicadas posteriormente com o título de *Reflexões sobre a História Universal*. Além disso, o filósofo participou como ouvinte de um curso sobre a “grandeza histórica” ministrado pelo historiador durante o inverno de 1870/1871.

Durante esse período, Nietzsche se tornou vizinho de Burckhardt e, na impossibilidade de estar presente em todas as suas aulas sobre a “História

---

<sup>1</sup>SOCHODOLAK, Hélio. *O Jovem Nietzsche e a História* – Como ser intempestivo e duelar com o seu tempo. São Paulo: Annablume, 2009, p. 88.

<sup>2</sup>DRU, Alexander. “Introdução”. In: BURCKHARDT, Jacob. *Cartas*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003, p. 83.

cultural dos gregos”, dadas no semestre de verão de 1872, o esperava ao final de cada aula para que o próprio Burckhardt retomasse os principais assuntos tratados no caminho de volta para a casa, conforme conta Louis Kelterborn ex-aluno de ambos.<sup>3</sup>

Uma história curiosa envolvendo os dois intelectuais diz respeito ao boato de que o museu do Louvre havia sido incendiado. Após o fim da guerra Franco-Prussiana, a população havia se revoltado contra o governo derrotado e instalado a Comuna de Paris. Em maio de 1871, a Comuna é arrancada do poder pelas forças governistas e o palácio das Tulherias acabou incendiado pelos membros da Comuna. Nesse momento, espalha-se um rumor que o museu do Louvre teria sido atingido pelo fogo e o seu acervo queimado. Conta-se que, após ouvir a notícia, Nietzsche vai chorando até a casa de Burckhardt e encontra-o igualmente desesperado. Ambos lamentam o suposto incêndio do museu e, sobretudo, temem veementemente a ameaça que os acontecimentos da modernidade poderiam lançar sobre o legado cultural do ocidente. No entanto, para a sorte de todos, descobrem posteriormente que a informação era falsa.

No que concernem às concepções políticas, as posições conservadoras de Nietzsche o aproximavam de Burckhardt. Ambos buscavam proteger a tradição cultural do ocidente de todas as transformações que estavam ocorrendo. Eles eram contrários ao nacionalismo exacerbado, à política de democracia das massas, a urbanização das grandes cidades e desejavam, de formas diferentes, salvar a produção artística e cultural europeias dos ditos “progressos do século XIX”. Além disso, tinham como pontos em comum, a admiração pelas ideias de Arthur Schopenhauer, o interesse pela Grécia Clássica e a rejeição às explicações hegelianas da história, questões estas que serão discutidas no decorrer desse trabalho.

No primeiro capítulo, pretendemos abordar temas concernentes à vida e a obra de Jacob Burckhardt tratando, sobretudo, dos seus manuscritos para as aulas na Universidade da Basileia, reunidos sob o título de *Reflexões sobre a História Universal*. A escolha por esses escritos ocorreu devido a algumas dessas aulas (publicadas posteriormente) terem sido assistidas por Friedrich Nietzsche durante o período em que o filósofo lecionou na universidade da

---

<sup>3</sup>CHAVES, Ernani. *Cultura e política: o jovem Nietzsche e Jakob Burckhardt*. In: Cadernos de Nietzsche, Departamento de Filosofia da USP. São Paulo, n. 9, p. 43.

Basiléia. Foi nessa época que ocorreu o maior contato entre o historiador e o filósofo.

No segundo capítulo, buscaremos tratar de alguns aspectos da vida de Friedrich Nietzsche, da sua relação com Jacob Burckhardt e de suas reflexões sobre a história e a cultura alemã do século XIX. Em seguida, procuraremos abordar alguns temas relacionados à *II Consideração Intempestiva sobre a utilidade e os inconvenientes da história para a vida*.

Por fim, no terceiro capítulo, analisaremos os pontos de contato entre o historiador Jacob Burckhardt e o filósofo Friedrich Nietzsche por meio de temas como: a crítica à filosofia da história, o conservadorismo, a cultura, a reforma da cultura e, sobretudo, a relação entre a história e a arte. Sendo o trabalho concluído com uma discussão sobre as aproximações e diferenças presentes no pensamento desses dois autores, no que diz respeito à história.

---